

A organização Arnon de Mello e o seu patrono: trajetória e interesses políticos

The organization Arnon de Mello and his patron,
trajectory and political interests

Tiago Eloi Zaidan

Universidade Federal de Pernambuco. Av. Prof. Moraes Rego, 1235, Cidade Universitária, 50670-901,
Recife, PE, Brasil. eloyzaidan@gmail.com

Resumo. Este artigo tem como objetivo investigar a atuação e os interesses políticos do empresário e ex-senador Arnon de Mello (1911-1983) em seu envolvimento com negócios de comunicação de massa, por meio da organização midiática que leva o seu nome e que tem como carro-chefe o jornal Gazeta de Alagoas. O trabalho tem em vista contribuir com a reflexão a respeito dos meios de comunicação regionais no Brasil, especialmente em Alagoas, onde há a intensa problemática da intervenção da mídia local – por meio de difusão ideológica e gerenciamento de informações – no cenário político. A metodologia adotada no desenvolvimento do artigo incluiu: pesquisa bibliográfica e documental, constituída, inclusive, por consultas a acervos de periódicos e coleta de depoimentos via entrevistas semi-estruturadas, por meio da qual foi possível constatar que a Gazeta foi utilizada para promover politicamente o seu proprietário e/ou aliados, além de ter apoiado o movimento golpista modernizante-conservador de 1964.

Palavras-chave: economia política da comunicação, Processos sociais da comunicação, Organização Arnon de Mello.

Abstract. This paper aims to investigate the actions and the political interests of entrepreneur and former Sen. Arnon de Mello (1911-1983) in their involvement in business of mass communication - through the media group that bears his name and is led by the newspaper Gazeta de Alagoas. The work aims to contribute to the discussion of the regional media in Brazil, especially in Alagoas, where there is the deep problem of the intervention of the local media - by means of ideological dissemination and information management - in the political arena. The methodology adopted in developing the article includes: search in the literature and in documents - made by search in the collections of newspapers - and interviews, through which it was established that Gazeta was used to promote the politically their owner and / or allies, and has supported the modernization-conservative coup of 1964.

Key words: political economy of communication, social processes of communication, Organization Arnon de Mello.

Introdução

Este artigo é fruto parcial da pesquisa “O golpe de Estado de 1964 e a disputa de hegemonia através dos veículos de comunicação: a experiência da mídia impressa alagoana”, arrolada no programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação do professor doutor Marco Mondaini. O presente texto tem como objetivo investigar a atuação e os interesses políticos e econômicos do empresário e político Arnon de Mello (1911-1983) em seu envolvimento com negócios de comunicação de massa. Mello, pai do ex-presidente da república Fernando Collor de Mello, é o patrono da Organização midiática que leva o seu nome e que tem como carro-chefe o jornal *Gazeta de Alagoas*, veículo de comunicação social que esteve ativamente alinhado à articulação golpista de 1964.

O jornal diário *Gazeta de Alagoas* consiste no veículo de maior circulação do Estado. Fundada em 25 de fevereiro de 1934, pelo jornalista Luiz Magalhães da Silveira, a *Gazeta* passou a integrar o maior grupo midiático de Alagoas, as Organizações Arnon de Mello, a partir de 1952 (Sant’ana, 1987, p. 144).

Por meio deste artigo espera-se contribuir com as reflexões a respeito dos meios de comunicação regionais no Brasil, onde a mídia é, para Jânio de Freitas (1994, p. 9), um dos maiores problemas do país, com a peculiaridade de ter omitida a sua discussão. Ato contínuo, a exposição do protagonismo midiático e sua análise, a partir do recorte do objeto do artigo, contribuem com o aprendizado e com a percepção dos indivíduos do “modo como a cultura da mídia transmite representações opressivas de classe [...] capazes de influenciar pensamentos e comportamentos”, tornando-os capacitados para “manter uma distância crítica em relação às obras da cultura da mídia e, assim, adquirir poder sobre a cultura em que vivem”, o que ajudará “a induzir os indivíduos a participarem de movimentos políticos radicais que lutem pela transformação social” (Kellner, 2001, p. 83).

Em Kellner (2001, p. 52), a expressão “cultura da mídia” designa a natureza, a forma, o modo de produção e a distribuição dos produtos da indústria cultural. Também para o autor, a cultura da mídia é “o lugar onde se travam batalhas pelo controle da sociedade [...] não só nos meios noticiosos e informativos, mas também no domínio do entretenimento” (Kellner, 2001, p. 54).

Uma pesquisa sobre o protagonismo da imprensa alagoana – especificamente do jornal *Gazeta de Alagoas* e da Organização Arnon de Mello – justifica-se, ainda, na medida em que a problemática da intensa intervenção da mídia local – por meio de difusão ideológica e gerenciamento de informações – mantém-se corrente em Alagoas. O maior periódico do Estado – a *Gazeta de Alagoas* – continua pertencendo ao mesmo grupo midiático da época do golpe de 1964, a família Mello.

Por fim, a pesquisa é justificada pelo atual estágio de precariedade de estudos e reflexões a respeito da trajetória da mídia impressa de Alagoas, sobretudo na passagem da década de 1960, período de gestação, concretização e consolidação do golpe modernizante-conservador (1964-1985). O mesmo ocorre nas biografias divulgadas do patrono do maior grupo midiático de Alagoas, o jornalista, ex-governador e ex-senador por Alagoas, Arnon de Mello, onde é sumariamente omitido o seu envolvimento com o movimento conservador-modernizante que pavimentou o golpe de 1964 e geriu o país durante a vigência da ditadura tecnocrática-militar.

A metodologia adotada no desenvolvimento do artigo incluiu: pesquisa bibliográfica e documental, constituída, inclusive, por consultas a acervos de periódicos e coleta de depoimentos por meio de entrevista semi-estruturada.

A pesquisa dos exemplares do jornal *Gazeta de Alagoas* contemporâneos à atuação política e empresarial de Arnon de Mello foram engendradas nos acervos da Biblioteca Pública do Estado de Alagoas e do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

As entrevistas, com base em questionários semi-estruturados, por seu turno, foram realizadas com Carlos Mendonça e Valmir Calheiros, ambas no decorrer do ano de 2009.

Advogado por formação, Carlos Mendonça ingressou na *Gazeta de Alagoas* em 1956, como revisor, a convite do proprietário, Arnon de Mello, amigo de seu pai. Na *Gazeta*, foi membro do conselho editorial e atualmente ocupa a presidência do conselho estratégico da Organização Arnon de Mello. Também acumula a vice-presidência do Instituto Arnon de Mello, braço social da Organização.

Valmir Calheiros de Siqueira ingressou no jornal *Gazeta de Alagoas* por volta de 1962, a convite do próprio Arnon de Mello, proprietário do veículo. Na *Gazeta*, Valmir desempenhou as funções de repórter setorista, chefe de reportagem e, finalmente, redator-chefe, em

meados da década de 1970. Considerado especialista na história das Organizações Arnon de Mello, o jornalista é o habitual autor de artigos institucionais da Organização e, atualmente, trabalha em um livro sobre a história da Gazeta de Alagoas.

No artigo, chamamos de “bloco modernizante – conservador” o grupo da elite empresarial que, com base em Gramsci (2001, p. 15), possui “[...] a capacidade de organizar a sociedade em geral, em todo o seu complexo organismo de serviços [...]”. É o que Dreifuss, também abalizado em Gramsci, chama de “elite orgânica”, a partir do conceito gramsciano de “intelectualidade orgânica” (Dreifuss, 1986, p. 161).

Considerações econômicas e ideológicas

Vários autores corroboram, por meio de suas obras, a denúncia de aspectos ideológicos dos meios de comunicação privados dentro do modelo sócio-econômico vigente. Frisamos, aqui, os nomes de Pedrinho Guareschi, para quem os meios de comunicação compõem o quadro de fetiches do capitalismo na labuta por sua legitimação (1987, p. 18); Gustavo Fortes Said, que aponta a subordinação do fluxo das produções simbólicas dos meios de comunicação de massa à lógica do modo de produção capitalista: dos grandes centros para as periferias (1999, p. 74); e John Hulteng, defensor da tese de que, ao contrário do final do século XVIII, hoje os meios de comunicação estão concentrados nas mãos de relativamente poucos emissores, de quem dependemos para obter impressões do mundo real, algo somente conseguido se engendrado um fluxo honesto e objetivo de informações (1990, p. 24-25).

Não raro, meios de comunicação são possuídos por conglomerados que vão além do campo das comunicações, estendendo-se para outros ramos industriais que, segundo Hulteng (1990, p. 184), “[...] vão de negócios bancários a produtos químicos”. Os proprietários dos veículos de comunicação podem ser donos de outros negócios ou possuírem investimentos em um determinado setor econômico, como o rural, constatação válida, sobretudo, para a América Latina (Faraone, 1979, p. 156-158).

Insertos ou não em conglomerados, os meios de comunicação são potenciais difusores de ideologias de seus proprietários, que muitas vezes se confundem com a difusão ideológica de uma classe hegemônica. Isso porque, na maioria das vezes, o proprietário

do meio de comunicação é parte da classe hegemônica, até por ser o dono do meio de produção. Assim, muitos dos interesses, valores e condutas são semelhantes e, por vezes, compartilham com a reprodução do status quo que os favorecem (Caparelli, 1986, p. 64).

No Brasil, muitos meios de comunicação regionais são utilizados com finalidades políticas, agindo não como instrumento democrático e sim como fator de desequilíbrio em processos eleitorais. Nessas circunstâncias, dissimulações – como o falseamento de fatos – e favorecimento que levem a votos, são utilizados. Como quesito complicador, a posse de meios de comunicação regionais por forças políticas da localidade é prática generalizada no país (Cavalcanti Filho, 1994, p. 35-36).

O formato de distribuição pelo Estado de concessões para transmissões de emissoras de televisão e rádio deixam ao cargo do governo, ao menos teoricamente, a faculdade de dar “[...] a palavra final sobre quem explorará a título precário...” (Caparelli, 1986, p. 23) os nacos de espaços no espectro público. Caparelli (1986, p. 23) revela que durante o regime militar, mais precisamente no período entre 1964 e 1979, foram distribuídas 112 concessões para a exploração da difusão televisiva pela iniciativa privada, bem mais que as 33 concessões autorizadas nos anos imediatamente anteriores, de 1950 a 1964.

Aspectos biográficos iniciais

Arnon de Mello nasceu em 19 de setembro de 1911 no engenho de propriedade de seu pai, Manuel Afonso de Mello, onde hoje está o município de Rio Largo, na grande Maceió (AL) (Gaia e Lopes, 2005, p. 190). Os negócios da família, no entanto, não progrediram, antes sendo brutalmente golpeados pela crise açucareira da década de 1920. Diante das circunstâncias, de filho de dono de engenho, Arnon passou a “office-boy” de um armazém de açúcar na zona portuária da capital alagoana (Calheiros, 2002a, p. 4).

Depois ingressou no ramo da comunicação, como agenciador de assinaturas do extinto Jornal de Alagoas, do jornalista Luiz Magalhães Silveira. Na época, agenciou, também, assinaturas do jornal O Estado de São Paulo, o que lhe possibilitou o complemento da renda (Calheiros, 2007b, p. E9). Ainda no Jornal de Alagoas, estreou no ofício do jornalismo, carreira a qual se dedicaria no Rio de Janeiro, para onde se trasladou na década de 1930.

Na então capital federal, o jovem jornalista foi correspondente da recém-criada Gazeta de Alagoas e passou pelas redações dos jornais Vanguarda, Diário de Notícias, Diário Carioca, do qual chegou a ser proprietário (Calheiros, 2007a, p. E2), e de O Jornal, e aproximou-se do magnata dos Diários Associados, Assis Chateaubriand, de quem foi funcionário. Arnon conquistou a confiança do empresário e recomendou a Chatô (como Chateaubriand era conhecido) a incorporação do Jornal de Alagoas pelo grupo dos Diários Associados (Calheiros, 2007b, p. E9), o que, de fato, acabou ocorrendo em 8 de julho de 1936.

Mesmo morando no Rio, Arnon passou a diretor do periódico onde outrora fora “office-boy”. Foi durante a sua direção, mais precisamente em 1940, que o Jornal de Alagoas passou a adotar, pioneiramente no Estado, a máquina rotoplana para a impressão (Sant’ana, 1987, p. 47).

Apesar de seu envolvimento com a grande imprensa, as atividades de Arnon não se restringiam aos jornais. Entre 1931 e 1942 o jornalista alagoano publicou três livros-reportagens que se tornariam “best-sellers” na época: “Os sem trabalhos na política” (1931), lançado na esteira da revolução de 1930; “São Paulo venceu!” (1933), fruto de suas atividades como correspondente de guerra durante o movimento constitucionalista de 1931, e “África” (1942), editada pelo prestigiado Jose Olympio, versando sobre impressões de viagem ao continente africano (Gaia e Lopes, 2005, p. 190). Sua incursão editorial valeu-lhe uma cadeira na Academia Alagoana de Letras, em março de 1945 (Calheiros, 2002b, p. 5).

Paralelamente à prática do jornalismo, Arnon cursou Direito na faculdade hoje vinculada a Universidade Federal do Rio de Janeiro, e advogou. Por volta de 1940, enveredou no ramo imobiliário em sociedade com o colega Roberto Marinho (Gaia e Lopes, 2005, p. 191). Posteriormente, na década de 1970, Mello e Marinho voltariam a engendrar uma parceria, com a filiação da TV Gazeta, de Arnon, à TV Globo.

No plano pessoal, o futuro patrono da Organização Arnon de Mello casou-se, em 1939, com a gaúcha Leda Collor, filha do influente político Lindolfo Collor, marcante ministro do trabalho de Getúlio Vargas (Calheiros, 2007a, p. E2). O primeiro contato entre ambos ocorreu durante a concessão de uma entrevista de Lindolfo Collor ao então repórter Arnon, quando Leda apresentou-se (Zaidan, 2009b). A esposa de Arnon foi sintetizada da seguinte forma por Pedro Collor (1993, p. 27), filho

do casal: “Minha mãe, com sua postura quase luterana, era muito recatada, não admitia deslizes. Uma pessoa muito fechada”.

De volta a Alagoas, Arnon envolveu-se no jogo político-partidário, tornando-se um dos maiores “caciques” do Estado. Seu carisma e sua intimidade com a comunicação social contribuíram com a sua trajetória vitoriosa. Nos pleitos em que disputou, não hesitava em dispendir recursos financeiros nas campanhas, utilizando estratégias vanguardistas, que incluíam a contratação de agência de publicidade (Calheiros, 2007a, p. E2) e, até mesmo, a confecção de uma revista em quadrinhos, onde era discorrida, a sua trajetória, de modo epopéico (Gaia e Lopes, 2005, p.192).

Na primeira metade da década de 1950, Arnon incrementou a sua capacidade persuasiva ao somar ao seu poder político o jornal Gazeta de Alagoas, matutino que se tornaria o pilar de seu grupo de comunicação.

A Gazeta de Alagoas

Maceió era uma cidade com 130 mil habitantes quando, em 25 de fevereiro de 1934, o jornalista pernambucano Luís Magalhães Silveira fundou a Gazeta de Alagoas (Calheiros, 2007c, p. E1). O mesmo Silveira já havia criado, em 1908, o Jornal de Alagoas, da qual se desfez em 1933 (Zaidan, 2009b). Por várias décadas, a Gazeta e o Jornal de Alagoas foram os dois matutinos mais importantes do Estado, até a extinção do segundo, em 1993 (Gaia e Lopes, 2005, p. 191). Além de ambos, em 1934, outros dois diários circulavam em Alagoas. Ainda assim, era comum o leitor alagoano consumir jornais pernambucanos, como o Diário de Pernambuco, e, até mesmo, do sudeste, como o carioca Jornal do Brasil e o paulista O Estado de São Paulo (Calheiros, 2007c, p. E1).

Aliado político do grupo de Fernandes Lima, liderança antagônica à oligarquia Malta – hegemônica no início do século XX –, a Gazeta de Alagoas contava com Arnon de Mello como correspondente na capital federal. Poucos anos depois, Lêdo Ivo, então com 18 anos, ingressaria na redação do matutino, onde se manteria até mudar-se para o Rio de Janeiro, onde se tornaria poeta e imortal da Academia Brasileira de Letras (Um jornalismo..., 2009, p. A42).

Apenas em 1952, quando a Gazeta não mais pertencia a Silveira, o matutino passou à propriedade de Arnon, então governador do Estado. Segundo Valmir Calheiros (Zaidan, 2009b), nos anos imediatamente anteriores à incorpo-

ração do jornal pela Organização Arnon de Mello, o diário pertencia a uma cooperativa ligada a Silvestre Péricles de Góes Monteiro, tradicional desafeto político de Arnon, e “não vendia mais que 200 exemplares [...]”. Pouco mais tarde, em 1955, o criador dos maiores impressos de Alagoas, Luís Silveira, morreria com a visão bastante comprometida (Zaidan, 2009b) e praticamente impossibilitado de ler qualquer linha de jornal.

De posse da Gazeta, Arnon de Mello não titubeou em usá-la em seu favor, o que pode ser constatado, por exemplo, no dia 19 de setembro de 1963, quando, em decorrência de seu aniversário, a Gazeta trouxe em primeira página a manchete: “Aniversaria o senador do povo”. Na matéria que se seguia, lia-se:

[...] O renomado homem público, como ex-governador do Estado de Alagoas, fez grandiosos trabalhos, num período de cinco anos de governo; é, ainda destacado membro da Academia Alagoana de Letras, gozando posição de destaque nas letras nacionais, com publicação de vários livros.

O grande conceito político-social que granjeou entre o povo alagoano provém – sem dúvida – do seu largo espírito de amizade e, sobretudo, interesse por aqueles humildes da chamada ‘comunidade dos não privilegiados’. Não tem medido esforços, no Senado Federal e nos cargos que anteriormente ocupou condignamente, no sentido de atender às gritantes reivindicações do bravo povo alagoano (p. 1).

As páginas do diário também serviam aos aliados ou políticos com os quais o ex-repórter simpatizava, como o conservador Carlos Lacerda, louvado através de sua administração no governo da Guanabara. É o que pode ser constatado, exemplificativamente, na edição de 1º de dezembro de 1963, na matéria “Guanabara constrói praias artificiais e Maceió despreza suas praias naturais”, onde se lia:

Desde o verão passado a população da Guanabara está freqüentando uma nova praia que foi construída em menos de 40 dias pelo governo Carlos Lacerda: a Praia de Botafogo que, com seus 800 metros de extensão recebe milhares de pessoas de todos os pontos da cidade, sem contar os turistas que a procuram (p. 1).

Com eloquência voraz, as manchetes da Gazeta também se dedicavam a minar desafetos políticos, como o prefeito de Maceió entre 1961 e 1964, Sandoval Caju – que teve os seus direitos políticos cassados após o golpe

modernizante-conservador de 1964 (Barros, 2005, p.191).

Outra vítima recorrente da oposição gazeteana foi o general Luiz Cavalcante, governador do Estado entre 1960 e 1966, oposição esta inspirada pela disputa de cargos e liderança regional, apesar de Arnon e Cavalcante integrarem o mesmo bloco-histórico e ambos terem apoiado o golpe de 1964. Mais três exemplos da campanha contra o governador foram publicados nas manchetes de 9 de novembro de 1963, “Governador inautêntico castiga povo maceioense com inumano aumento nas tarifas do SAEM: água só no palácio”; de 5 de janeiro de 1964, “Enquanto o governador ri no palácio os talhadores assaltam o povo: carne a mil”; e de 14 de março de 1964, “Crianças morrem à míngua por culpa do governador desumano”.

A curiosa matéria “Governador de Alagoas lê o ‘Lobato infantil’”, publicada na Gazeta em 15 de março de 1964, sugere que Luiz Cavalcante possuía alguma debilidade mental:

O governador de Alagoas, sr. Luiz Cavalcanti, confessou a maneira como está usando seus momentos de lazer - que devem ser muitos, uma vez que vem dizendo [sic] um governo unanimemente considerado lastimável. Ele se entrega, no momento à leitura de toda a coleção infantil de Monteiro Lobato, tendo iniciado a série por “Emília no país da gramática”. A revelação foi feita durante um almoço do governador com o presidente da “Eletrobrás”, Paulo Richer, no Clube Internacional, no Rio. Embora o assunto do encontro fosse o interesse da “Eletrobrás” em participar do capital da Companhia de Eletricidade de Alagoas, o governador não sabia falar em outra coisa senão nas obras de Monteiro Lobato (p. 1).

Em 1964, seguindo a linha de seu proprietário, a Gazeta de Alagoas também apoiou o movimento golpista, a ponto de não ter problemas com a repressão durante a ditadura. Carlos Mendonça (Zaidan, 2009a), funcionário da Gazeta desde 1956 e atual presidente do Conselho Estratégico da Organização Arnon de Mello chegou a afirmar que “[...] a revolução [o golpe] precisava dos organismos de imprensa corretos. A Gazeta dava aquilo que eles rigorosamente mandavam”. Ainda assim, Valmir Calheiros (Zaidan, 2009b), especialista na história institucional da Gazeta, recorda que, durante a ditadura, dois ou três censores freqüentavam a redação a ponto de parecerem repórteres do próprio jornal.

No período pré-1964 são publicadas manchetes como: “Estudantes preparados para re-

pelir ação dos vermelhos”, de 23 de julho de 1963, onde se lia:

São Paulo, 22 – Após o verdadeiro atentado contra a democracia, praticado pela UNE na cidade de Salvador, usando o tema do subdesenvolvimento como biombo para esconder o crime de lesapátria cometido, prepara-se a entidade da Praia do Flamengo para assaltar São Paulo no município de Santo André. [...] (p. 1).

Merece destaque as matérias “Embaixador soviético conspira contra Brasil”, de 1º de agosto de 1963; “Povo mineiro repudiou e exigiu a não realização do primeiro congresso comunista”, de 25 de janeiro de 1964 e “Escorraçados de Belo Horizonte os comunistas aportaram em Brasília”, de 26 de janeiro de 1963, ambas versando sobre o I Congresso da Central Única dos Trabalhadores da América Latina; e “Governo de Jango continua tramando golpe com reforma da Constituição”, de 18 de fevereiro de 1964, onde se lia:

[...] Enquanto o sr. Darci Ribeiro advertia, com a responsabilidade de porta-voz oficial do presidente da república, que a frustração completa dos esforços reformistas do governo impeliria o país, fatalmente, pela senda da revolução, os dirigentes udenistas justificavam a posição tomada na luta Lacerda – Magalhães em favor do primeiro com a manifestação da certeza de que o regime representativo corria os mais graves riscos de sua história no país, convindo, portanto, precipitar a abertura da campanha sucessória como meio de formar uma opinião nacional maciça e consciente contrária ao golpe que estaria sendo arquitetado nas oficinas governamentais [...] (p. 1).

À medida que se aproximava o dia 1º de abril de 1964, o conteúdo do jornal tornava-se mais contundente, como é possível verificar nas matérias “Advertência da UDN: Perigam o nosso sistema constitucional e as instituições democráticas do país”, de 21 de março de 1964 e “Teme o congresso ser invadido pelos comunistas e agitadores legais do CGT”, de 21 de março de 1964.

Em 22 de março de 1964, no texto “‘Marcha em família’ provou que os brasileiros de S. Paulo sabem defender a Constituição”, lê-se:

São Paulo, 21 – O governador do Estado da Guanabara, sr. Carlos Lacerda, declarou, após entrevista co o sr. Ademar de Barros, que os brasileiros de São Paulo provaram que os democratas sabem defender o regime. O sr. Carlos Lacerda disse: “A mulher paulista revelou-se corajosa na defesa da Constituição e da família “. Por sua vez o

governador de São Paulo afirmou que o êxito da passeata do povo paulista está no fato de que não havia nas ruas nem policiais, nem canhões, nem tanques.

[...].

GAÚCHOS DEMOCRATAS – Porto Alegre, 21 – Todos os partidos políticos e entidades das classes conservadoras, lançaram manifesto declarando-se unidos em torno do governador Ildo Menegheti para a defesa do regime.

COMUNISTA É NO PAU – São Paulo, 21 – Ademar de Barros ao dirigir-se a um grupo de camponeses que compareceu ao palácio governamental para solicitar providências do governo contra alguns proprietários de terras que promovem ameaças à sua integridade física, declarou: “você são comunistas. E comunistas em São Paulo, no governo, é no pau...” (p. 1).

O movimento da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, de apoio ao bloco golpista, voltou a ser louvado em outras matérias da Gazeta de Alagoas, como no texto “Na ‘Marcha em Família’: Proclamação aos brasileiros em defesa do regime e contra os inimigos da nossa pátria”, de 22 de março de 1964.

Às vésperas do golpe, a partir do dia 25 de março até o dia 29 de março de 1964, a Gazeta de Alagoas passou a publicar, no rodapé da primeira página, um comunicado de oposição ao bloco popular de Brizola e Arraes, com notável teor emocional:

Nossos rosários contra o ódio

Nossos rosários contra a corrupção

Nossos rosários contra o comunismo

Nossos rosários contra os Brizolas e Arrais [sic]

(Divulgação do movimento popular pela democracia) (p. 1).

Poucos dias depois, o golpe é concretizado, dando início a mais longa ditadura instalada na história do Brasil. Na primeira edição da Gazeta publicada após a madrugada de 1º de abril, datada de 3 de abril de 1964, lê-se na primeira página, sob o título “Democracia brasileira vence mais uma etapa da agitação comunista”:

Rio, 2 – A rápida solução da crise político-militar – iniciada com a rebelião dos marinheiros no Sindicato dos Metalúrgicos e encerrada com a fuga do Sr. João Goulart – deve-se à atuação decisiva de vários generais, destacando-se entre aqueles que assumiram o controle das tropas do I Exército, sediadas na Guanabara, e que agiram dentro dos planos traçados pelo General Humberto de Alencar Castelo Branco, os Generais Costa e Silva, Décio Palmeiro Escobar, Souza Aguiar,

Oromar Osório, Canavarro Pereira, Armando de Moraes Ancora e Luna Pedrosa (p. 1). [...].

Trajectoria política

Eleito em 1950, Arnon ocupou o governo de Alagoas de 1951 a 1956, comandou no ano seguinte ao término de seu mandato o movimento de impeachment e desgaste contra o governador Muniz Falcão (Lopes, 2005, p. 196), liderança populista desvinculada dos tradicionais grupos políticos locais, e emplacou três mandatos consecutivos no senado federal (1963-1983), sendo o último como senador biônico, em plena ditadura. Logo em seu primeiro ano no congresso, no dia 4 de dezembro de 1963, envolveu-se no grotesco episódio do tiroteio com o também senador por Alagoas Silvestre Péricles.

Segundo nos faz saber Pedro Collor, recorrendo à memória de sua irmã, Ana Luiza, também filha de Arnon, o evento desenrolou-se após Silvestre bradar, em tom eloquente: “– Seu filho da puta! – provocado, papai sacou a arma e deu três tiros: um para cima e outros dois em direção a Silvestre. Um deles ricocheteou numa cadeira e atingiu Kairala” (Mello, 1993, p. 31). José Kairala, suplente de senador pelo Estado do Acre, ainda chegou a ser socorrido pelo já bem-reputado cirurgião cardiovascular Adib Jatene, então de passagem por Brasília (Lopes, 2005, p. 194). Todavia, apesar dos esforços, o senador acreano regressaria sem vida ao seu Estado.

No dia seguinte a tragédia, a Gazeta de Alagoas trouxe a seguinte manchete principal: “Silvestre tenta matar Arnon com revolver em punho gritando impropérios: tumulto”, ao que se segue:

Brasília, 4 – Na sessão de hoje do Senado Federal, exatamente às 15 horas e 10 minutos, no momento em que o senador Arnon de Melo iniciava seu discurso anunciado para esta tarde, ocorreu um tiroteio no plenário daquela casa legislativa. [...]. TESTEMUNHOS – Brasília, 4 – Segundo o testemunho de vários senadores, o senhor Silvestre Péricles sacou de seu revolver no momento em que o senhor Arnon de Melo iniciava o seu discurso. De imediato, o senador Arnon de Melo, sacando de seu revolver, atirou par ao chão, a fim de amedrontar o senador agressor. Originou-se, de imediato, o tumulto, com vários outros disparos. [...].

FERIDO – Brasília, 4 – Em conseqüência do tiroteio verificado hoje no plenário do Senado, foi ferido o senador José Caiala [sic], do Acre. [...] (p. 1).

Nos dias subsequentes, manchetes da Gazeta tomaram partido, depreciando, indiscretamente, Silvestre Péricles. Estiveram entre elas: “Causa do incidente no Senado: De há muito o sr. Silvestre Péricles vinha ameaçando o senador Arnon de Mello”, de 6 de dezembro de 1963; “Silvestre furibundo: ‘Se Arnon falar, encho sua boca de balas’ - depoimento do senador Lino de Matos, que ouviu Silvestre minutos antes da reunião”, de 10 de dezembro de 1963; “Silvestre diz que matará Arnon e Auro e desrespeitará o Senado: irá armado”, de 11 de dezembro de 1963; “Silvestre, provocador sórdido”, de 13 de dezembro de 1963; “Silvestre está na idade da pedra lascada: ‘Última Hora’ do Rio chama Silvestre de ‘Brucutu’”, de 13 de dezembro de 1963; “Silvestre às gargalhadas depois da tragédia”, de 28 de dezembro de 1963; e “Arnon não poderia deixar-se vilipendiar por um energúmeno”: Dário Magalhães fixa as diferenças entre o difamador e o difamado”, de 29 de dezembro de 1963.

Dono de um temperamento intempestivo, no fatídico 4 de dezembro de 1963, também teria sacado uma arma (Gaia e Lopes, 2005, p. 189), Silvestre Péricles (1896-1972) construiu uma extensa carreira política. Foi, além de senador, deputado federal (1946-1951) e governador de Alagoas, eleito em 1947. Foi, ainda, ministro do Tribunal de Contas da União e procurador-geral da justiça militar. Em 1945, partiu como chefe da delegação brasileira para a XVII Conferência Internacional do Trabalho, em Paris. Com a extinção dos partidos políticos, durante a ditadura modernizante-conservadora, optou pelo MDB. Membro da tradicional família Góes Monteiro, da qual fazia parte Pedro de Góes Monteiro (1889-1956), ministro da guerra na década de 1930, Péricles possuía uma biografia permeada por polêmicas. Somente em 1950, quando era governador, foi apontado como mandante do assassinato do pai do deputado Oséias Cardoso, político ligado a Arnon de Mello, além de envolver-se em um tiroteio com o próprio irmão, Ismar de Góes Monteiro, que acabou ferido (Barros, 2005, p. 19).

Os tiros no plenário renderam a Arnon de Mello um processo, do qual foi absolvido em 29 de junho de 1964, não sem antes amargar sete meses na base aérea de Brasília, a espera do julgamento (Mello, 1993, p. 31). Durante esse período, a Gazeta publicou diversas manchetes de solidariedade e propugnando a sua inocência, como: “Arnon atirou para amedrontar Silvestre: não foi de sua arma o tiro que

atingiu Kairala”, de 7 de dezembro de 1963; “Câmara de Coruripe unânime: Irrestrita solidariedade a Arnon e repúdio ao tresloucado Silvestre”, de 17 de dezembro de 1963; “Se não tivesse reagido, Arnon não teria razão para continuar vivendo”: O juiz Eliezer, no Rio, diz que ‘a covardia não deve ser o clima moral de um senador’”, de 25 de dezembro de 1963; e “Senhoras do Estado do Rio fazem promessas para que Arnon seja logo absolvido”, de 9 de fevereiro de 1964.

Gestão dos negócios de comunicação

Sob a tutela da família Mello, a Gazeta de Alagoas – em meados da década de 1950 – foi o primeiro veículo do Estado a contar com uma mulher, como jornalista (Serqueira, 2007, p. D3). Arlene Miranda, a repórter pioneira, possuía apenas 15 anos de idade (Em defesa..., 2009, p. A56). A contratação de jovens secundaristas, aliás, configurava uma política recorrente de Arnon de Mello, dedicado contentor de despesas quando o assunto eram recursos humanos. O empresário e político “[...] mantinha a estrutura gazetearia com um mínimo de profissionais, geralmente com salários muito aquém de suas necessidades” (Lopes, 2005, p. 195).

Boanerges Lopes (2005, p. 195), traz à tona o episódio em que o presidente do sindicato dos jornalistas, Aldo Ivo, atendendo à solicitação de sua classe, tentou conversar com Arnon de Mello sobre a precariedade em que se encontravam os seus funcionários. A apresentação da demanda, levada a cabo com extrema polidez, acabou sutilmente marginalizada no diálogo entre o sindicalista e o patrão, pois, com “[...] perspicácia, Arnon desviou o tema com um discurso sobre a profissão, enfatizando considerá-la um sacerdócio [...]”. A seguir, ao perceber-se engabelado,

[...] Ivo prontamente se manifestou: ‘senador, concordo com o senhor, mas os jornalistas da Gazeta estão passando fome’. [...] Arnon de Mello postou-se em pé, estendeu a mão ao presidente do sindicato dos jornalistas e encerrou a conversa com uma frase indignada: ‘um jornalista deve alimentar-se de notícias, meu filho’” (Lopes, 2005, p. 195).

A despeito do destrato com o quadro funcional, constantes investimentos estruturais garantiram à Gazeta posições de vanguarda. O matutino da família Mello foi o pioneiro em Alagoas no uso do teletipo (1968), fruto da um convênio com a United Press International

(UPI), radiofoto e telefoto (1973) e telex (1975), também em decorrência de convênio, desta feita com a UPI e com a agência de notícias AJB (Sant’ana, 1987, p. 47-49).

Mais recentemente, nos primórdios dos anos 1990, durante a superintendência de Pedro Collor, a Gazeta experimentou, por um curto e exclusivo período de tempo, o cargo de “Ombudsman”, inédito na mídia alagoana, confiado ao jornalista Dênis Agra (1950-1992) (Gaia e Lopes, 2005, p. 193). Em 1995, o matutino foi o primeiro jornal do Estado – e o terceiro do nordeste – a ingressar na rede mundial de computadores (Calheiros, 2007c, p. E1).

Paralelamente à modernização do jornal, outros veículos somaram-se à Organização Arnon de Mello. Na década de 1970, mesmo com as dificuldades financeiras, decorrentes do endividamento da Organização durante a superintendência de Fernando Collor de Mello, a TV começou a ser instalada, sob a batuta de Pedro Collor. Em 1975 a TV Gazeta entrou no ar, como afiliada da rede Globo (Mello, 1993, p. 43), emissora onde o primogênito de Arnon, Leopoldo Collor de Mello, era alto funcionário.

No final da mesma década, Arnon realizou o sonho de testemunhar o ingresso de um dos seus filhos na política. Tratava-se de Fernando Collor, que graças à influência do pai e o forte poder de barganha do grupo de comunicação da família, tornou-se prefeito biônico de Maceió.

Pari passu ao orgulho, Arnon definhava paulatinamente. Um diagnóstico realizado em Nova Iorque acusou a enfermidade. Paralisia supranuclear progressiva. Em 1981, embora ainda cumprisse mandato de senador, a transferência para Maceió foi inevitável. Por dois anos, o velho cacique da política alagoana, temido por seus veículos de comunicação, manteve-se sobre uma cama até, finalmente, falecer na madrugada de 29 de setembro de 1983. O estopim foi a paralisação do diafragma (Mello, 1993, p. 68).

De herança, à família, o ex-“office-boy” do Jornal de Alagoas deixou um portentoso legado político, uma imobiliária semidesativada no Rio de Janeiro e a organização de comunicação que leva o seu nome, a maior do Estado. A prezada unidade familiar, mantida precariamente durante os seus últimos anos de vida, entretanto, ruiu com a sua morte, duramente abalada pela disputa dos espólios patrimoniais e políticos (Mello, 1993, p. 67).

Atualmente o jornal Gazeta de Alagoas é líder no Estado, com uma circulação diária de

10 mil exemplares, durante a semana, e de 15 a 20 mil exemplares aos domingos (Zaidan, 2009a), possui o seu próprio instituto de pesquisa, o GAPE, especialmente pouco confiável no bojo de processos eleitorais pleiteados por membros do clã Collor de Mello ou correligionários mais próximos, e duas sucursais, a de Arapiraca, criada em 1996 (Cobertura..., 2009, p. A71), e a Costa Dourada, em Maragogi, fundada no ano seguinte (Sucursais..., 2009, A73). Além do impresso, do parque gráfico e da TV, a Organização Arnon de Mello conta ainda com as rádios Gazeta AM e FM de Maceió, FM de Arapiraca, AM de Pão de Açúcar, o portal de internet Gazetaweb e o Instituto Arnon de Mello, braço social do grupo, dedicado a preservação da memória do patrono da organização, totalizando de 700 a 750 funcionários diretos (Zaidan, 2009a).

Considerações finais

O matutino Gazeta de Alagoas, já no período de sua fundação, em 25 de fevereiro de 1934, pela iniciativa do jornalista pernambucano Luís Magalhães Silveira, adotou a postura do protagonismo, ao aliar-se ao grupo político de Fernandes Lima, ex-governador de Alagoas. O envolvimento político indiscreto marcava desde então a atuação do periódico.

A partir de 1952, quando a Gazeta não mais pertencia a Silveira, o matutino passou a propriedade de Arnon de Mello, então governador do Estado, que não titubeou em usá-la em seu favor. A posse do jornal, aliado ao seu carisma e sua intimidade com a comunicação social, potencializou sua capacidade persuasiva tornando-o um dos maiores “caciques” políticos do Estado.

Além de promover politicamente o seu proprietário, como constatado in loco na pesquisa documental ao acervo da Gazeta contemporânea a atuação política de Arnon de Mello, as páginas do diário também serviam aos aliados ou políticos com os quais o ex-repórter simpatizava, ou, ao contrário, dedicavam-se a minar desafetos políticos, mesmo aqueles circunstanciais, ainda que integrantes do mesmo bloco-histórico articulado em torno da defesa da classe produtora.

Arnon de Mello acompanhava as edições da Gazeta. Mesmo sem a sua orientação direta, uma linha de conduta editorial implícita regia a redação (Zaidan, 2009b).

Em 1964, seguindo a linha de seu proprietário, a Gazeta de Alagoas apoiou o movimento

golpista modernizante-conservador. Nos dias que antecederam a deposição de João Goulart, a Gazeta publicou matérias de cunho oposicionista ao presidente eleito, repetindo, em solo alagoano, a postura de outros importantes jornais do cenário nacional – caso de O Globo, do Rio de Janeiro.

Referências

- BARROS, F.R. de. 2005. *ABC das Alagoas: dicionário bibliográfico, histórico e geográfico de Alagoas*. Brasília, Senado Federal, Tomo I, 568 p.
- BARROS, F.R. de. 2005. *ABC das Alagoas: dicionário bibliográfico, histórico e geográfico de Alagoas*. Brasília, Senado Federal, Tomo II, 706 p.
- CALHEIROS, V. 2007a. Arnon de Mello, pioneiro da informação. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 25 de fev., p. E2.
- CALHEIROS, V. 2007b. Arnon de Mello, um comunicador nato. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 25 de fev., p. E9.
- CALHEIROS, V. 2007c. Gazeta: 73 anos de dedicação ao leitor. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 25 de fev., p. E1.
- CALHEIROS, V. 2002a. Arnon: uma sucessão de iniciativas pioneiras. *Gazeta Especial*. Organização Arnon de Mello, Maceió, 24 de set., p. 4.
- CALHEIROS, V. 2002b. Da literatura em Maceió à projeção nacional. *Gazeta Especial*. Organização Arnon de Mello, Maceió, 24 de set., p. 5.
- CAPARELLI, S. 1986. *Comunicação de massa sem massa*. 3ª ed., São Paulo, Summus, 124 p.
- CAVALCANTI FILHO, J.P. 1994. E Lord Jones morreu – discurso por controles democráticos ao poder dos meios de comunicação. In: J.P. CAVALCANTI FILHO, *Informação e poder*. Rio de Janeiro/Recife, Record/Fundação de Cultura Cidade do Recife, p. 27-63.
- COBERTURA ampla e precisa. 2009. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 30 de mar. p. A71.
- DREIFUSS, R.A. 1986. *1964: A conquista do Estado – ação política, poder e golpe de classe*. 4ª ed., Petrópolis, Vozes, 899 p.
- EM DEFESA dos direitos da mulher. 2009. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 30 de mar., p. A56.
- FARAONE, R. 1979. Meios de comunicação de massa na América Latina. In: J. WERTHEIN (org.), *Meios de comunicação: realidade e mito*. São Paulo, Nacional, p. 147-169.
- FREITAS, J. de. 1994. Prefácio. In: J.P. CAVALCANTI FILHO, *Informação e poder*. Rio de Janeiro/Recife, Record/Fundação de Cultura Cidade do Recife, p. 9-10.
- GAIA, R.; LOPES, B. 2005. Arnon de Mello: o repórter que se tornou empresário. In: J.M. de MELO (org.), *Imprensa brasileira: personagens que fizeram história*. São Paulo/São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de S. Paulo/ Imprensa Oficial, vol. 2, p. 189-193.
- GRAMSCI, A. 2001. *Cadernos do Cárcere*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, vol. 2, 334 p.

- GUARESCHI, P. 1987. *Comunicação e poder: a presença e o papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina*. Petrópolis, Vozes, 88 p.
- HULTENG, J. 1990. *Os desafios da comunicação: problemas éticos*. Florianópolis, Edit. UFSC, 310 p.
- KELLNER, D. 2001. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, EDUSC, 454 p.
- LOPES, B. 2005. 1963: Conflitos, ameaças e tiroteio. In: J.M. de MELO, *Imprensa brasileira: personagens que fizeram história*. São Paulo/São Bernardo do Campo, Imprensa Oficial/Universidade Metodista de S. Paulo, vol. 2, p. 194-197.
- MELLO, P.C. de. 1993. *Passando a limpo. A trajetória de um farsante: memórias*. Rio de Janeiro, Record, 285 p.
- SAID, G. F. 1999. Os mediadores culturais e a globalização: proposta para análise de discurso do jornalismo piauiense. In: F. ROCHA (org.), *Comunicação e sociedade: a influência da comunicação na imagem, na política e na identidade cultural do Piauí*. Teresina, EDUFPI, s/p.
- SANT'ANA, M.M. de. 1987. *História da imprensa em Alagoas (1831-1981)*. Maceió, Arquivo Público de Alagoas, 236 p.
- SERQUEIRA, C. 2007. Gazeta comemora 73 anos de liderança. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 25 de fev., p. D3
- SUCURSAIS premiadas. 2009. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 30 de mar., p. A73.
- UM JORNALISMO independente, até na ditadura. 2009. *Gazeta de Alagoas*, Maceió, 30 de mar., p. A42.
- ZAIDAN, T.E. 2009a. *Relatório da entrevista de campo realizada com o presidente do Conselho Estratégico da Organização Arnon de Mello: Carlos Mendonça*. Maceió.
- ZAIDAN, T.E. 2009b. *Relatório da entrevista de campo realizada com o jornalista: Valmir Calheiros*. Maceió.

Submetido em: 29/09/2009

Aceito em: 16/02/2010